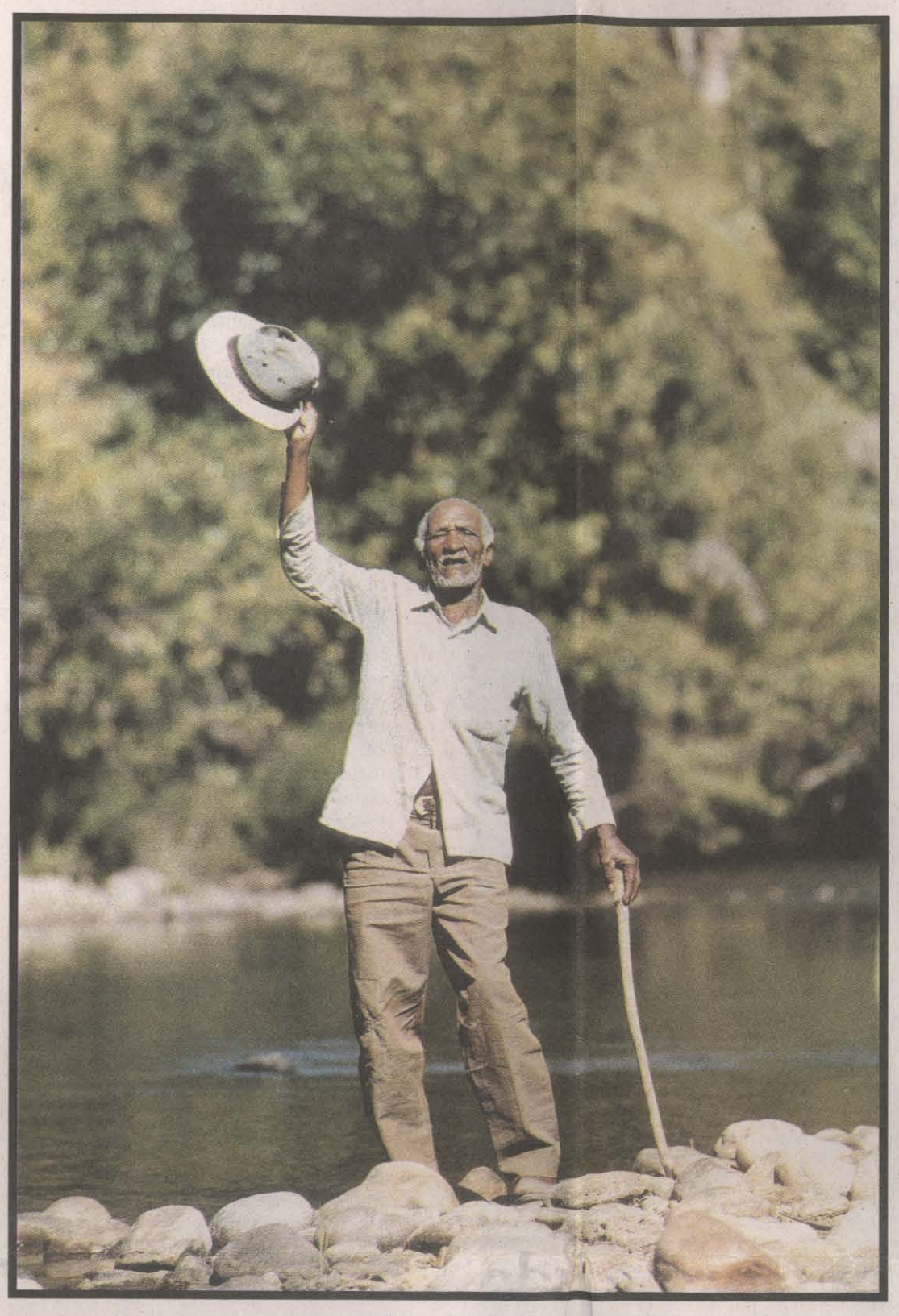
Acervo ISA

ALR0248

APAGÃO CULTURAL

Hidrelétrica de Cana Brava, no norte de Goiás, vai inundar as ruínas de uma cidade de 266 anos, um sítio arqueológico de 19,9 mil anos e transformará em lago trecho do rio Tocantins que corta a reserva dos últimos índios avá-canoeiro. As comportas serão fechadas em seis meses



SEU ANTERO, DESCENDENTE DE ESCRAVOS, MORA HÁ 30 ANOS EM UMA CASA QUE FICARÁ SOB AS ÁGUAS DA REPRESA

História submersa

Antonio Vital (texto) e Cláudio Versiani (fotos)
Da equipe do **Correio**

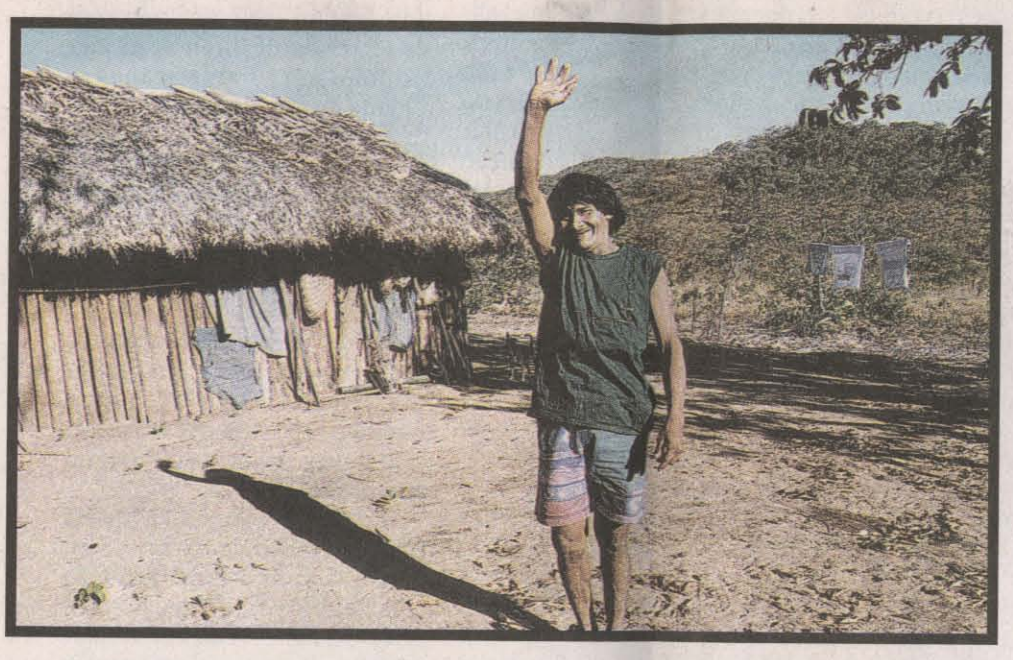
1819
GUERREIROS, LIVRES

No final da manhã de 4 de julho de 1819, o naturalista austríaco Johann Emmannuel Pohl chegou ao já decadente arraial de São Félix, em Goiás, e lá encontrou pessoas assustadas. Os moradores estavam em plenos preparativos de uma bandeira destinada a acabar com os índios que aterrorizavam a região. Pohl foi recebido pelo vigário Manuel Marques dos Anjos. O padre lhe explicou o motivo da inquietação e alarma no povoado: os terríveis canoeiros haviam atacado uma cidade próxima e matado e mutilado colonos.

Por ordem do governo da província, os moradores abastados deviam contribuir com 21,6 gramas de ouro cada para o custeio da expedição. Em São Félix, eram requisitados ainda 40 recrutas para a bandeira. Só cinco homens se ofereceram. Os demais fugiram para o mato, com medo. Pohl ouviu então relatos de arrepiar os cabelos a respeito dos canoeiros.

"Eles formam uma das tribos mais numerosas, selvagens e cruéis; são de robusta constituição física, belicosos, implacáveis, obstinados na realização de seus intentos. Não têm clemência", descreveu o cientista em seu livro Viagem ao interior do Brasil.

Meses depois, Pohl foi informado do resultado da expedição. A tropa encontrou uma aldeia às margens do rio das Almas. A maioria dos índios estava fora, caçando. O lugar foi cercado e os canoeiros instados a se render. Entre os índios sitiados, encontrava-se uma criança branca, raptada dois anos antes. Aos gritos, os integrantes da bandeira pediram para o menino fugir e juntar-se a eles. "Mas a proposta falhou, porque os índios rapidamente assassinaram a criança diante de seus compatriotas", descreveu Pohl, que complementou o relato: "... a bandeira disparou contra as cabanas de palmeira e incendiou-as, matando a punhal ou a tiro, sem compaixão, todos os índios que pretendiam fugir, de modo que só escaparam dois".



IAWI: SOBREVIVENTE DE MASSACRE OCORRIDO NOS ANOS 60 TEVE DE CONVIVER COM HIDRELÉTRICAS

1983
RENDIDOS, 250 ANOS DEPOIS

Matcha, Nakwatcha, Iawi e Tuya são retirantes das profundezas das matas e das terras. Matcha é a mais velha, a matriarca do grupo. Tanto pode ter 40 como 50 anos. Tuya, filha dela, mal saiu da adolescência. Nakwatcha é irmã e braço-direito de Matcha. Iawi, o único homem do grupo, tem cerca de 25 anos. Os quatro são os últimos sobreviventes dos canoeiros do vale do rio Tocantins.

Matcha, Nakwatcha, Iawi e Tuya vivem há cerca de 15 anos escondidos em uma região cada vez mais habitada. É cada vez mais difícil se esconder, até mesmo nas cavernas, onde sobrevivem comendo morcegos e ratos. Os quatro estão desnutridos e doentes. Os últimos avá-canoeiro do Tocantins estão à procura de alguém de confiança. Querem se aproximar do homem branco pacificamente pela primeira vez em 250 anos. Querem se render.

A escolha recai sobre o adolescente Reginaldo, um colono de 16 anos que vinha sendo observado há muito tempo por Iawi. Matcha, Nakwatcha, Iawi e Tuya, os únicos avá-canoeiros que escaparam de um massacre ocorrido entre 1968 e 1970 nos arredores de Campinaçu, conhecem o homem branco. Viram mais de cem índios serem assassinados em um lugar denominado Mata do Café. Ao escolherem Reginaldo, salvaram-se. O rapaz procurou a polícia, a notícia chegou à Funai e foi saudada como uma preciosidade. Os índios receberam apoio antes de consumado o plano de outros posseiros, que, ao saberem da novidade, planejaram matar o pequeno grupo, com medo de que todas as terras das imediações fossem transformadas em uma reserva.

2001
SOB AS ÁGUAS DE CANA BRAVA

Seu Antero tem o sobrenome Francisco de Souza na certidão de nascimento, mas pertence à família Santos Rosa do Vão do Moleque, em Cavalcante (GO). Isso quer dizer que é um kalunga, descendente de antigos escravos que encontraram abrigo nas terras baixas cercadas por chapadas do sertão de Goiás. Há 30 anos, seu Antero sustenta a família plantando milho, arroz e mandioca na margem direita do rio Santo Antônio. As águas verdes do rio, cercado de mata, deságuam no São Félix 2 km abaixo da casa de adobe de seu Antero, perto do lugar onde outrora existia um arraial do mesmo nome. Do arraial de São Félix só restaram alicerces de casas e currais, erguidos em pedra, e os portais de madeira de uma igreja de quase 300 anos engolida pelo mato. Seu Antero contempla o rio com tristeza.

Ele e a família têm até janeiro para deixar suas terras, assim como os demais moradores do conjunto de casas batizado de Limoeiro, todos parentes. Em seis meses, o rio Tocantins será barrado a 30 km dali e deixará debaixo d'água todo o Limoeiro, incluindo as ruínas de São Félix e o que mais estiver nas proximidades.

Na extremidade sul do futuro lago, a 3 km da margem do rio, duas crianças brincam dentro de uma cabana de buriti coberta de palha. Trumak, 14 anos, e sua irmã Pudtjawa, 12, são a única esperança de continuidade da nação avá-canoeiro. Eles são filhos de Iawi e Tuya. Não precisaram comer ratos e morcegos para sobreviver, como os pais. Os desafios deles são outros. O primeiro é manter a identidade cultural de seu povo. Ou o que resta dela.

Os índios também serão atingidos pela barragem.

Acervo ISA

APAGÃO CULTURAL

Posseiros reclamam da indenização paga por suas terras. Índios podem receber uma compensação por conta da barragem. No sertão de Goiás, moradores vêm seu modo de vida alterado pela hidrelétrica de Cana Brava

O dilema do progresso

O kalunga Antero Francisco de Souza e o índio Iawi nunca se viram mas têm muito em comum. Os antepassados dos dois fugiram durante séculos do homem branco e buscaram refúgio em vales de baixa altitude, temperatura amena e difícil acesso nas bordas da Chapada dos Veadeiros. Além disso, seu Antero vive, há 30 anos, nas imediações do antigo arraial de São Félix, destruído pelos avós de Iawi no século XIX. Vítimas de um mesmo processo histórico, que começou com a chegada dos bandeirantes ao Planalto Central e prosseguiu com a criação de Brasília, seu Antero e Iawi sofrem agora os efeitos da construção de uma hidrelétrica em suas terras.

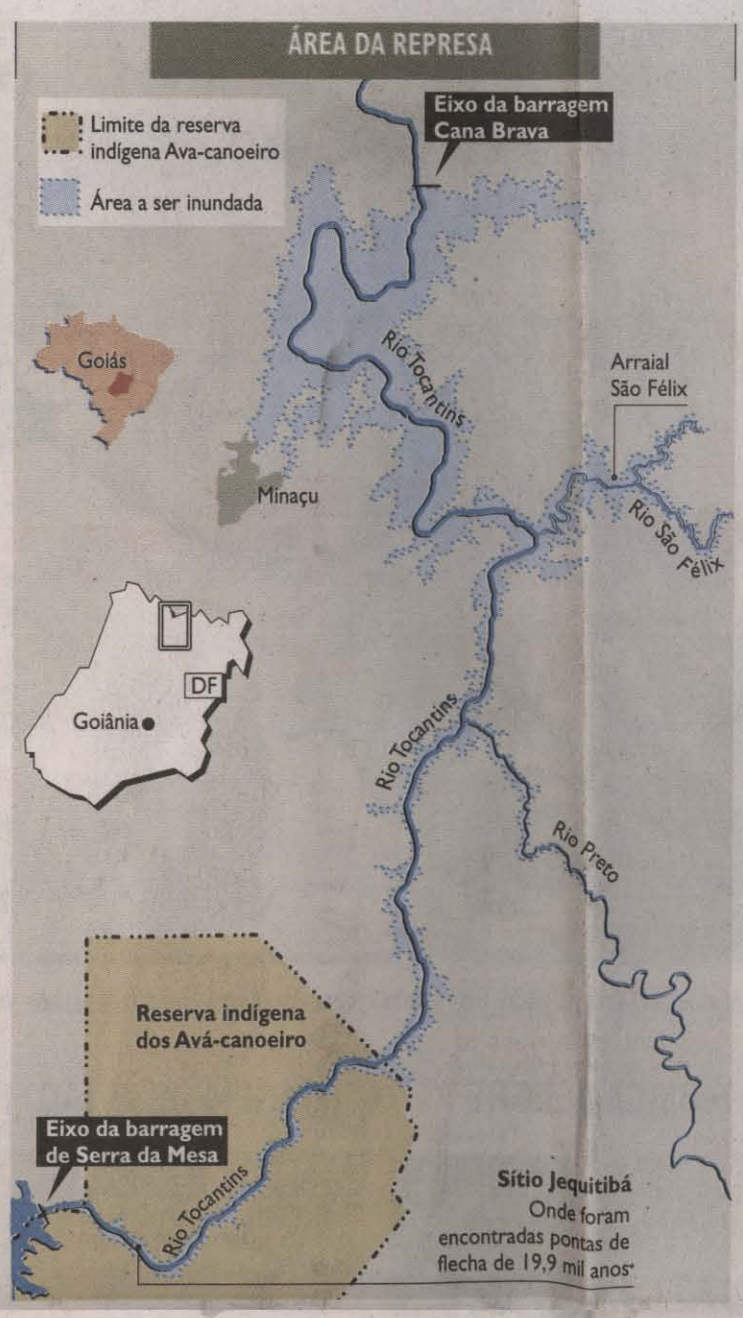
As comportas da hidrelétrica de Cana Brava, no rio Tocantins, serão fechadas daqui seis meses. Em tempos de ameaça de apagão, a usina vai adicionar 450 MW de energia elétrica à região, depois de três anos de obras e um investimento de US$ 420 milhões. O empreendimento é da empresa Centrais Geradoras do Sul do Brasil (Gerasul), que pertence à multinacional Tractebel, do grupo belga Suez Lyonnaise des Eux, o quinto maior produtor independente de energia elétrica do mundo., com um faturamento anual de R$ 24,8 bilhões.

Em um gigantesco canteiro de obras no município de Minaçu (GO), a 400 km de Brasília, 2 mil operários trabalham 24h por dia para que tudo esteja pronto em janeiro do ano que vem, ocasião em que uma faixa de 70 km do rio Tocantins será transformada em lago. Quando as águas do Tocantins começarem a subir, vão cobrir a casa de seu Antero, as ruínas de São Félix e terras férteis da reserva dos últimos seis representantes do povo avá-canoeiro no Tocantins.

O impacto das duas hidrelétricas na vida dos avá-canoeiro é objeto de polêmicas desde 1986, quando começou a construção de Serra da Mesa. De um lado, os empreendimentos alteram para sempre o meio ambiente e o espaço físico onde vivem os índios. De outro, oferecem algumas compensações.

Graças à construção de Serra da Mesa, por exemplo, a reserva foi efetivamente demarcada. Furnas, sócia do empreendimento junto com o Grupo Votorantin, o Bradesco e a empreiteira Camargo Corrêa, foi obrigada a desembolsar R$ 1,2 milhão para indenizar os posseiros que ocupavam terras dos índios. De acordo com a chefe do Departamento de Meio Ambiente de Furnas, Norma Vilela, a empresa gastou ainda R$ 2,3 milhões até 1998 em outros projetos voltados para os avá-canoeiro, como assistência médica e fiscalização.

Na ponta do lápis, o dinheiro gasto parece muito quando comparado ao número de beneficiados: apenas seis índios, instalados em uma área maior que o Parque Nacional de Brasília. Noves fora, se for levado em conta que esse investimento é fundamental para a preservação física e cultural de um povo ameaçado de extinção, o valor deixa de impressionar.



PERTO DO ARRAIAL DE SÃO FÉLIX, GARIMPEIROS INSISTEM NA BUSCA DO OURO, DESTRUINDO AS MARGENS DO RIO E USANDO MERCÚRIO PARA SEPARAR O METAL

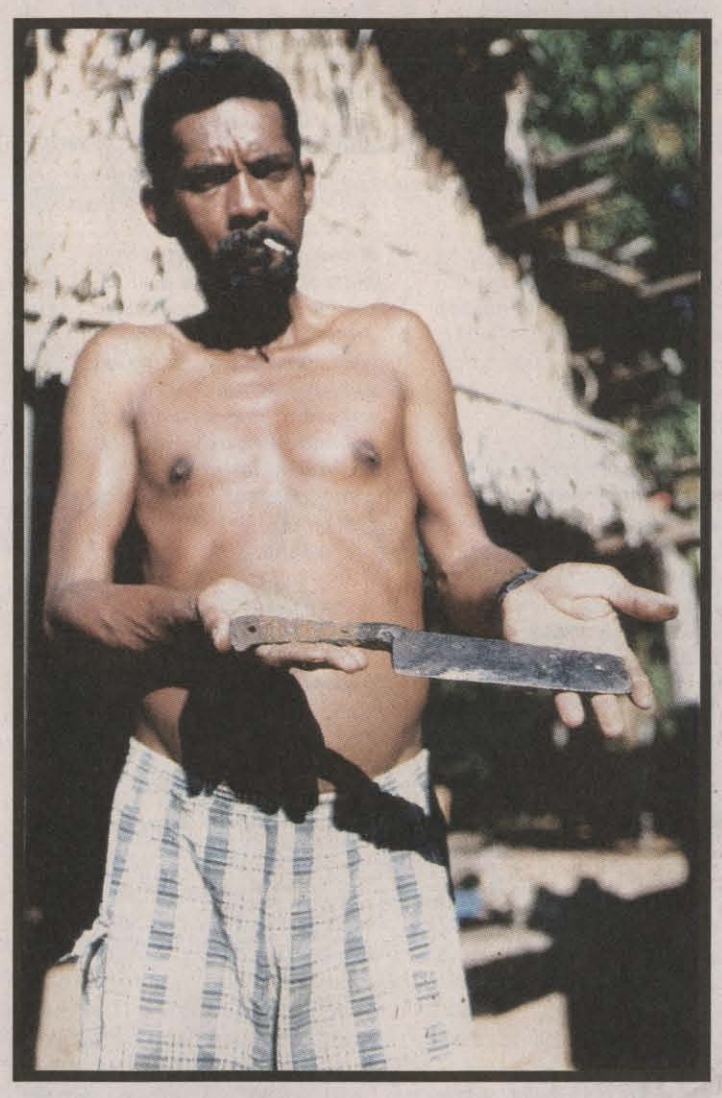
O QUE RESTOU DE SÃO FÉLIX, FUNDADO EM 1735. A CIDADE TINHA 200 CASAS E TRÊS IGREJAS. HOJE, SÓ EXISTEM RUÍNAS COBERTAS PELO MATO

Impacto mais que profundo

Enquanto o impacto da barragem de Serra da Mesa na reserva produziu ao menos compromissos, o mesmo não se pode dizer de Cana Brava. Desde o início do ano, a empresa responsável pela obra, a Funai e o Ministério Público tentam quantificar as conseqüências da nova hidrelétrica na vida dos índios. A Gerasul garante que os avá-canoeiro não serão atingidos.

Estudos técnicos encomendados pela empresa concluíram que o rio Tocantins, na área indígena, não vai ultrapassar a área tradicionalmente inundada nos períodos de cheia. "O problema é que o rio vai virar um lago, com outro tipo de ecossistema, e a área inundada é justamente onde devem se localizar as terras férteis da reserva", aponta o procurador Carlos Vilhena, no Ministério Público de Goiás.

O procurador encomendou outro parecer técnico, dessa vez à 4ª Câmara do Ministério Público Federal, em Brasília, encarregada do meio ambiente. Se for constatado algum prejuízo ao modo de vida dos avá-canoeiro, a Gerasul será obrigada a dar alguma espécie de compensação aos índios.



PEDRO: GARIMPEIRO ENCONTROU FACÃO DOS BANDEIRANTES NA AREIA

Compensação é o que buscam posseiros, como seu Antero, que terão de abandonar suas terras. Seu Antero tem uma aposentadoria de R$ 180, recebeu R$ 8 mil de indenização e não pretende ir para Minaçu, como fizeram outros moradores. "Com esse dinheiro eu não compro casa lá. E vou sustentar minha família como?", pergunta.

Enquanto a área a ser alagada paulatinamente se esvazia, fazendeiros e garimpeiros se apressam para colher os últimos frutos da região: o açafrão e o ouro. O açafrão é uma raiz levada para lá pelos primeiros moradores do arraial de São Félix. Com o passar dos anos, tornou-se nativa. Agosto é o mês da colheita e as raízes são lavadas, cortadas e vendidas para indústrias de Mara Rosa (GO). O **Correio** acompanhou a última colheita do açafrão de São Félix.

Do outro lado do rio São Félix, bem diante de onde existiu a antiga cidade, um garimpeiro encontrou um pesado facão de ferro do tempo dos bandeirantes enterrado na areia do rio. Pedro Ribeiro da Silva, 43 anos, ainda consegue retirar 15 gramas de ouro por dia do leito do rio. O metal é vendido a R$ 16 o grama.

O facão achado no garimpo é uma amostra do que a terra ainda esconde no lugar, apesar da área ter sido objeto de uma detalhada investigação por parte de uma equipe chefiada pela arqueóloga Dilamar Cândida Martins, da Universidade Católica de Goiás. A pesquisa é uma das exigências legais para a construção de uma hidrelétrica. Para a pesquisadora, esse tipo de empreendimento ajuda a pesquisa histórica.

"Se não fosse a obra, esses lugares jamais seriam estudados", diz a professora, que realizou o mesmo trabalho na área depois alagada pelo lago formado pela hidrelétrica de Serra da Mesa. Lá, ela encontrou o corpo petrificado de um homem das cavernas de 7 mil anos.

LEIA MAIS SOBRE A HIDRELÉTRICA NA PÁGINA 8

Acervo ISA

APAGÃO CULTURAL

Depois de 250 anos de fuga, os avá-canoeiro lutam para preservar sua cultura e têm a chance de escapar da extinção. Ironicamente, isso será possível graças às contrapartidas das empresas responsáveis pelas hidrelétricas da região

Uma esperança de futuro

O grupo avá-canoeiro do Tocantins é formado por seis pessoas: quatro adultos e duas crianças. As crianças, Trumak, um menino de 14 anos, e Pudtjawa, uma menina de 12, nasceram depois do contato com o homem branco.

Até então Matcha, Nakwatcha, Iawi e Tuya viveram escondidos nos matos. Os antropólogos acreditam que, nesse período, optaram pelo auto-extermínio.

"Durante muito tempo, mesmo depois do contato, eles davam demonstrações de que não queriam crianças", descreve o indigenista Walter Sanchez, chefe do posto da Funai em Minaçu.

Mas existe esperança para os avá-canoeiro. Há dois anos, a Funai e Furnas desenvolvem um projeto de aproximação da família de Matcha com a tribo dos tapirapés de Confresa (MT), quase primos dos avá-canoeiro. Esse contato pode fazer Iawi ter mais descendentes em breve.

Um fato aumentou o otimismo de Sanchez. Há um ano — "uma chuva", segundo Iawi —, os índios trocaram uma casa de alvenaria na reserva por uma cabana de palha. Uma volta às origens e uma busca de autonomia.

NAKWATCHA: ELA E A IRMÃ MATCHA SALVARAM IAWI E TUYA DE UM MASSACRE PATROCINADO POR FAZENDEIROS NO FINAL DOS 60 EM CAMPINAÇU (GO)

BEBIDA

Em 1986 começou a construção da hidrelétrica de Serra da Mesa e o canteiro de obras ficava perto do lugar onde estavam alojados os índios. Nesse período, Iawi fez amizade com funcionários de Furnas. Foi aí que os índios tiveram o primeiro contato com o álcool. Iawi começou a aparecer bêbado e foi proibido de freqüentar o canteiro de obras. Passou então a se relacionar com pescadores nas margens do rio Tocantins. Nos acampamentos, a cachaça corria solta e o hábito da bebida chegou às duas mulheres mais velhas, Matcha e Nakwatcha.

Walter, o chefe do posto da Funai na reserva, ficava irritado quando percebia os índios de porre. E fazia questão de não ocultar isso. Iawi, Matcha e Nakwatcha, por sua vez, atribuíam uns aos outros a culpa pelo ocorrido.

— Eu só bebi tanto assim — dizia Matcha, mostrando os dedos polegar e indicador bem próximos um do outro.

— Você bebeu tanto assim — falava para Iawi, fazendo um "L" com os dois dedos.

Caso raro entre os índios, todos os avá-canoeiro na reserva deixaram de beber.

JOÃO MANDIOCA

PUDTJAWA, A MENINA DE 12 ANOS

Em 1983, depois do primeiro contato feito pelos avá-canoeiro com a Funai, Iawi passou a freqüentar um mercadinho em um lugar chamado Porto do Rubão, na beira do rio Tocantins. O problema é que ele não sabia uma palavra em português. Apontava as mercadorias que pretendia levar e nada. Ironicamente, o índio só conseguiu se comunicar porque o homem branco adotara uma palavra tupi — tronco lingüístico ao qual pertence a língua avá — para designar a raiz que é a base da alimentação indígena. "Manioca", pediu, se referindo à nossa mandioca. Pela primeira vez, foi entendido.

A partir daí, os ribeirinhos começaram a chamá-lo de João Mandioca. Com esse apelido, Iawi tornou-se popular em Minaçu. Como achou o nome engraçado, passou a utilizá-lo também para designar pessoas. Ele criou apelidos como "mandioquinha", "mandiocão" e "mandiocona".

TUDO TRANCADO

A família avá-canoeiro do rio Tocantins tem um costume pouco comum entre os índios: eles trancam ou amarram todos os seus pertences. Dos animais domésticos aos objetos que consideram úteis, tudo é tratado como um bem valiosíssimo.

Dentro de casa, estão presas pelos pés mais de dez aves de diferentes espécies, como caburés (uma espécie de coruja), papagaios, maritacas, jacús, pombos, ararinhas e até um gavião e um casal de cancão.

De vez em quando, Iawi aparece no posto da Funai desolado. "Chave sumiu", explica, coçando a cabeça. Lá se vai alguém tentar resolver o problema de um armário ou gaveta trancafiados.

Estudiosos que visitam os avá-canoeiro de tanto em tanto têm uma teoria para tentar explicar o motivo da síndrome do cadeado. É a primeira vez que esses índios possuem alguma coisa e têm medo de perdê-las.

GAVIÃO PRESO DENTRO DE CASA: MEDO DE PERDER OS BENS

MÚSICA ALEGRE

TUYA, MÃE DAS DUAS CRIANÇAS

Em todo o vale do rio Tocantins existe a lenda de que selvagens ainda perambulam pelas matas, assustando animais nas fazendas e furtando pequenos objetos dos colonos à noite. Provavelmente, o folclore tem origem nas andanças da família de Matcha nos anos que se seguiram ao massacre da Mata do Café. Os rumores eram tão insistentes que a Funai decidiu manter uma frente de contato com os supostos índios isolados há cerca de três anos. Iawi foi junto.

Em um acampamento no Vão do Moleque, em Cavalcante (GO), numa das esperas intermináveis por um contato que nunca aconteceu, o índio se desentendeu com um dos indigenistas da Funai. O motivo foi incompatibilidade de gêneros musicais. Iawi, como o resto de sua família, aprecia músicas alegres, em especial o som de duplas sertanejas. O sertanista ouvia uma toada triste, no rádio, quando foi interpelado pelo índio, bravo.

— Que que esse hômi tá chorando aí? — reclamou Iawi.

VIAGEM DE AVIÃO

Os avá-canoeiro passaram mais de 200 anos fugindo do homem branco. Alvos de bandeiras punitivas oficiais nos séculos XVIII e XIX, e vítimas de ataques regulares por parte de fazendeiros no século XX, eles desenvolveram uma espantosa mobilidade, possível somente se carregassem consigo pouquíssimos pertences.

Por isso os funcionários da Funai estranharam quando os seis avá-canoeiro do rio Tocantins entraram no pequeno avião que os levaria a Confresa (MT), em dezembro do ano passado, com um carregamento de cestas de buriti.

Assim que embarcaram, foram para a parte traseira do bimotor. Durante o vôo, piloto e co-piloto perceberam uma estranha movimentação lá atrás, com cochichos e um abre-e-fecha interminável de cestas. Os índios tinham embarcado com todas as suas aves de estimação, escondidas dentro das cestas. Amarradas, claro. Levaram ainda um pequeno estoque de lagartas e lagartixas, a ração dos pássaros.

CAIPIRAS

TRUMAK, FÃ DE DUPLAS CAIPIRAS

Ao primeiro contato, ele se mostra intimidado e baixa a cabeça. O chapéu preto mal permite enxergar os olhos do pequeno Trumak, 14 anos. Mas o que esse chapéu preto está fazendo na cabeça do índio que tem, sobre os ombros, a responsabilidade de dar prosseguimento à linhagem e à cultura dos avá-canoeiro?

Ele mesmo explica, retirando, de uma caixa com mais de uma dezena de fitas cassete, uma com músicas da dupla Rionegro e Solimões. Nela, Rionegro (ou Solimões) aparece com um chapéu parecido e uma capa preta. O menino adora a dupla e está inconsolável porque o velho rádio-gravador que possui está sem pilhas.

O assunto o interessa e ele se solta. Pergunta onde moram os cantores. Ao se despedir, pede uma capa preta que combine com o chapéu.

PARTO NO MATO

Até os 15 anos, Tuya viveu fugindo. Ela nasceu em uma caverna na serra do Retrato, na margem esquerda do rio Maranhão, e era um bebê quando houve o derradeiro massacre dos avá-canoeiro em Campinaçu. Foi criada pela mãe, Matcha, pela tia, Nakwatcha, e por Iawi.

Iawi também era uma criança quando a aldeia deles foi atacada na Mata do Café. O menino não pertencia à família das três mulheres. Existem especulações sobre o porquê dele ter sido salvo por Matcha. Uma delas é de que precisariam de um menino para preservar a espécie. Iawi e Tuya efetivamente acabaram pais de duas crianças.

Trumak nasceu em um hospital em Minaçu. Dois anos depois, Tuya foi internada em uma maternidade em Gurupi nas vésperas do nascimento de Pudtjawa. Mas a índia, em trabalho de parto, sumiu. Foi encontrada na mata, no dia seguinte, com o bebê no colo.

MATCHA, A MATRIARCA DO CLÃ DOS AVÁ-CANOEIRO DE GOIÁS

MCT MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Subsecretaria de Planejamento, Orçamento e Administração
Coordenação Geral de Recursos Logísticos
Comissão Permanente de Licitação
GOVERNO FEDERAL Trabalhando em todo o Brasil

AVISO DE LICITAÇÃO
CONCORRÊNCIA Nº 05/2001

OBJETO: Contratação de serviços de publicidade, a serem prestados por agência de propaganda.

DATA DE ABERTURA: 26/09/2001, às 09:00 horas.

EDITAL: Esplanada dos Ministérios, Bloco "E", Sala 140, Sobreloja, horário de 08:30 às 12:00h e 13:00 às 17:00h, **em dias úteis.**

VALOR DO EDITAL: R$ 6,76 (seis reais e setenta e seis centavos) conta corrente nº 170.500-8, Agência nº 3602-1, Banco do Brasil S/A, código de depósito identificado 24010100001019-7, em nome do Ministério da Ciência e Tecnologia/CGRL.

A COMISSÃO

GDF GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE 15 DE AGOSTO DE 2001

A SECRETARIA DE ESTADO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS, criada com fim específico de planejamento, execução e implementação da política fundiária, com vista à regularização de terras urbanas e rurais no Distrito Federal, nos termos da Lei nº 2.300, de 21 de janeiro de 1999, em prosseguimento ao PROGRAMA DE REGULARIZAÇÃO DE CONDOMÍNIOS, CONVOCA os BENEFICIÁRIOS da Lei Federal nº 9.262, de 12 de janeiro de 1996, combinada com a Lei nº 954, de 17 de novembro de 1995, com as alterações introduzidas pela Lei nº 2.284, de 7 de janeiro de 1999, e com a Lei nº 1.823, de 13 de janeiro de 1998, a apresentarem documentação pessoal e comprobatória referente a unidade imobiliária na área a seguir relacionada, para fins de habilitação:

SETOR HABITACIONAL JARDIM BOTÂNICO – SHJB / RA XIV

NOME DO PARCELAMENTO
SAN DIEGO
MANSÕES CALIFÓRNIA
PORTAL DO LAGO
ESTÂNCIA JARDIM BOTÂNICO

SETOR HABITACIONAL SÃO BARTOLOMEU – SHSB / RA XIV

NOME DO PARCELAMENTO
VILLE DE MONTAIGNE

Os interessados deverão comparecer na Sede da SECRETARIA DE ESTADO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS, no SRTV/Sul, Quadra 701, Bloco "K", Ed. Embassy Tower, Térreo (frente ao Parque da Cidade), a partir do dia 15/08/2001 à 14/09/2001, das 9h00 às 12h00 e 14h30 às 17h30.

ODILON AIRES
Secretário

Funai cobra compromisso

A represa de Cana Brava vai inundar 846 hectares da reserva avá-canoeiro. E não será a primeira vez que isso acontece. No início dos anos 90, 10% da reserva foram engolidos pelo lago formado pela hidrelétrica de Serra da Mesa.

O avá-canoeiro é um grupo ameaçado de extinção. As duas últimas famílias conhecidas desse povo enfrentam problemas diferentes para sobreviver física e culturalmente. As duas únicas crianças do grupo do Tocantins, nascidas depois do contato feito em 1983, são irmãs. Já o grupo contactado em 1973 pela Funai, na Ilha do Bananal, vive um processo progressivo de perda de identidade cultural.

Essa família foi instalada em uma aldeia de índios tradicionalmente inimigos, os javaés, em Formoso do Araguaia. Em menor número, tiveram que se adaptar aos costumes dos anfitriões.

Assim, o nascimento de Trumak e, depois, o de Pudtjawa, foi saldado como uma esperança, fortalecida pela demarcação da reserva e pela série de compromissos assumidos por Furnas para compensar a terra inundada. Mas um dos pilares desse processo de renascimento dos avá-canoeiro ainda não saiu do papel: o programa de educação dos índios.

Matcha e a irmã Nakwatcha falam apenas algumas palavras em português. Mais desenvoltos, Iawi, Tuya e as crianças já se acostumaram com a língua do dominador. Mas ninguém sabe ler ou escrever e isso causa até situações inusitadas.

Iawi, por exemplo, desenvolveu um método particular de se comunicar por escrito com o chefe do posto da Funai, Walter Sanchez. Ele rabisca figuras aleatórias em um pedaço de papel e deixa o bilhete para o chefe do posto. Como garantia de que Sanchez vai compreender a mensagem, traduz o conteúdo para um funcionário da Funai.

"Trumak e Pudtjawa têm a responsabilidade de perpetuar a cultura e a raça avá-canoeiro. É fundamental para isso que eles aprendam a própria língua e a língua portuguesa", reclama Sanchez. Um programa educacional bilíngüe é um dos compromissos firmados por Furnas com a Funai em 1992, mas ainda não foi implantado.

Norma Vilela, chefe do departamento de Furnas encarregado de proteger os índios, garante que o programa começará a ser implantado este mês. "Houve um atraso natural porque assumimos vários compromissos difíceis de serem cumpridos ao mesmo tempo", explica. A primeira fase do programa, destinado a traçar um currículo do curso a ser ministrado aos índios, será desenvolvido pela Universidade Federal de Goiás e consumirá R$ 90 mil em 14 meses.

SERVIÇO

BIBLIOGRAFIA

- *"O povo invisível: a história dos avá-canoeiro nos séculos XVIII e XIX", de Dulce Madalena Rios Pedroso, Editora da Universidade Católica de Goiás.*
- *"Entre os cimos nublados, uma solidão selvagem", de Luiz Lima, Editora Thesaurus.*
- *"Viagem ao interior do Brasil", de Johann Emmanuel Pohl, Editora USP*

JÓIA ARQUEOLÓGICA

A equipe da arqueóloga Dilamar Candida Martins, da Universidade Católica de Goiás, achou, na reserva avá-canoeiro, pontas de flecha de 19,9 mil anos. É o segundo resquício mais antigo da presença do homem no país, perdendo apenas para o sítio arqueológico de Serra da Capivara (PI). Entre os achados da equipe da professora está uma ponta de lança de cristal (foto) lapidada por homens da caverna.